

Conversão de títulos da dívida é sucesso absoluto

Nilton Horita

SÃO PAULO — A conversão de títulos da dívida externa em investimento de risco no Brasil é um sucesso absoluto para o presidente do Banco Central, Elmo de Araújo Camões, e também para o ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen. Empresários, executivos financeiros e economistas não têm críticas a fazer. A conversão é tão unânime que até o governo comunista da Hungria, país do leste europeu, fechou operação para projeto de irrigação no Nordeste, utilizando parcialmente títulos da dívida brasileira.

Depois de seis meses de conversão formal pela via dos leilões realizados em Bolsa de Valores e pelo menos dois anos de conversão informal (troca de títulos vencidos por cruzados), o Brasil já apagou US\$ 6,7 bilhões do total de sua dívida externa. Não bastasse isso, ajudou o país a sair da estagnação total e vários projetos foram sendo novamente concretizados com os cruzados provenientes da operação.

Irrigação — A conversão é atraente até mesmo para os países comunistas. O Banco Multiplic de Investimento, por exemplo, tem uma reunião no dia 25 de outubro com membros do Banco da Hungria, em Budapeste, para finalizar os detalhes da operação de investimento de US\$ 50 milhões em projeto de irrigação na cidade de Petrolina, no interior de Pernambuco. Do total de recursos, pelo menos uma parte virá sob a forma de títulos da dívida brasileira convertida em investimento.

“O projeto será executado em três anos e revela que, quando se quer, pode-se abrir as portas do mundo ao investimento no Brasil”, afirma o diretor-gerente geral do Multiplic, Manoel Cintra. “Há muito interesse dos governos dos países do Leste europeu em ampliar seu comércio com o Brasil, e esses projetos ajudam as relações bilaterais justamente nesse sentido.”

Início — O mercado de conversão de dívida dos países em desenvolvimento começou a ganhar corpo em 1984, quando uma grande operação foi realizada no exterior envolvendo títulos brasileiros. O Banco Real, o maior banco privado brasileiro com presença no exterior, onde mantém 21 agências, trocou títulos da dívida brasileira por papéis mexicanos com o Bankers Trust, instituição americana. Foi, evidentemente, um grande negócio para o Real, pois a dívida bra-



Elmo Camões, um entusiasta de conversão: em sua gestão começaram os leilões

leira com um banco nacional possui um tratamento diferenciado dentro do acordo de rescalonamento da dívida com os credores.

O Citibank, maior credor brasileiro, com ativos de US\$ 4 bilhões, foi a primeira instituição a montar o seu próprio departamento de conversão. O atual vice-presidente do Banco Santista de Investimento, Morris Kalef, foi o responsável pela instalação da mesa de conversão do Citi, em 1985. Kalef, então vice-presidente do Citi em Nova Iorque, começou a comprar e vender títulos das dívidas dos países subdesenvolvidos, iniciando as operações que constituem hoje o mercado secundário de papéis da dívida.

Em pouco tempo, entraram no mercado o Chase Manhattan Bank, o Morgan Guaranty Trust e o NMB Bank. “Começamos a negociar os papéis para reajustar nossas posições de carteira com relação às dívidas dos países, mas, depois que nós nos acertamos, passamos a encontrar demanda também junto às empresas multinacionais interessadas em investir em suas subsidiárias localizadas nos países endividados, lembra Kalef.

“A partir daí, começamos a vender e comprar títulos passando por uma verdadeira via crucis, afirma Kalef. “Era co-

mum passarmos um dia inteiro até chegarmos à posição desejada. Comprávamos México, vendíamos Polônia, revendíamos México e comprávamos Chile, até chegarmos ao Brasil, numa tentativa de garimpagem do mercado para encontrarmos o papel desejado pelo cliente”.

O Citi, aliás, realizou a primeira grande conversão no processo mexicano, no valor de US\$ 60 milhões. “Não é esse o caminho que vai resolver o problema da dívida externa desses países, mas sem dúvida ajuda muito”, analisa Kalef. “E esse mercado tem futuro para mais 10 anos, no mínimo”, e por isso todas as instituições estão montando departamentos de conversão”, calcula.

Receio — Existe ainda grande desconhecimento do Brasil por parte dos investidores estrangeiros, mas para contornar essa desconfiança as instituições estão organizando seminários em vários centros financeiros do mundo para colocar o país mais próximo dos homens de negócio internacionais. Nas próximas semanas, será realizado um seminário sobre conversão em Londres, na Inglaterra, que contará com a presença do ex-presidente do Banco Central Afonso Celso Pastore e do diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Júlio Mourão.

“Realmente, o investidor estrangeiro

ainda tem receio de investir no Brasil”, acredita o vice-presidente do NMB Bank, Jordi Wiegierinck. “Mas a chegada de novos investimentos através da conversão abre espaço para todo um ciclo de investimentos estrangeiros. É como o vácuo do cometa que puxa outras substâncias por sua própria força”, compara. Há um efeito sinérgico provocado pelo investimento via conversão.

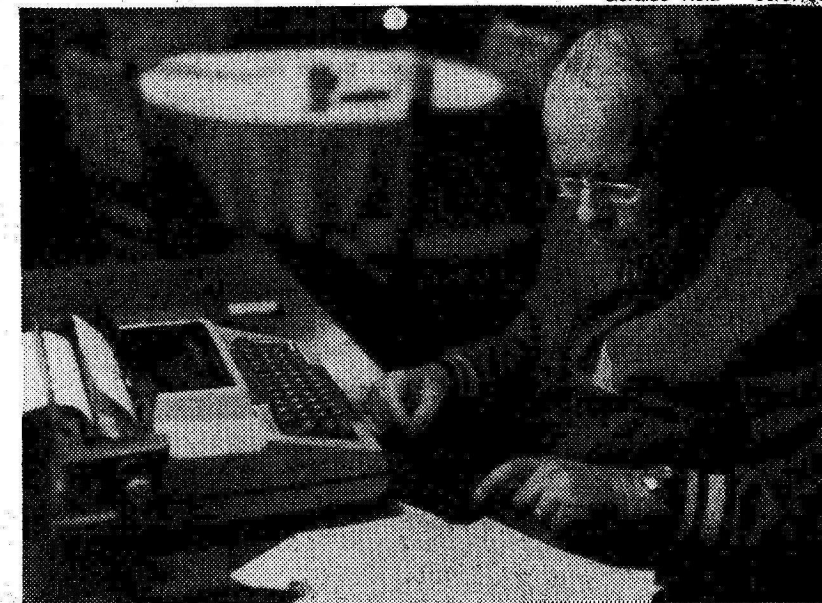
Quem abre uma fábrica de papel necessita de outros setores que forneçam componentes, e isso cria um clima psicológico de investimento. A base monetária, único problema real existente com a conversão, está perfeitamente adequada ao reingresso de recursos na economia. “Ora, teoricamente, por ano, os leilões são responsáveis pela conversão de US\$ 1,8 bilhão, ou 0,6% do PIB brasileiro”, afirma o ex-ministro Simonsen. “É muito difícil que o governo não tenha instrumentos capazes de controlar esse aumento da base com uma política monetária ou fiscal efetiva”.

“O sucesso da conversão atesta que o investimento — Brasil é viável”, afirma Simonsen. “Nenhuma das críticas que se fizeram conseguiram ser consistentes. A conversão foi a única forma inovativa para ajudar a solucionar o problema da dívida. Há muito falatório, mas a única solução foi conversão”, finaliza.



Júlio Mourão: explicações para os ingleses

Geraldo Viola — 30/07/88



Mário Henrique Simonsen: investir no Brasil é viável